

Índice

<i>Prefácio</i>	13
1. Porquê ser anticapitalista?	19
Que é o capitalismo?	22
Razões para nos opormos ao capitalismo	24
Bases normativas	28
<i>Igualdade/equidade</i>	28
<i>Democracia/liberdade</i>	35
<i>Comunidade/solidariedade</i>	38
2. Diagnóstico e crítica do capitalismo	43
Igualdade/equidade	44
<i>Classe e exploração</i>	45
<i>Concorrência e riscos</i>	46
<i>Crescimento económico desestabilizador</i>	46
Democracia/liberdade	48
Comunidade/solidariedade	52
Ceticismo	57
3. Variedades de anticapitalismo	61
Lógicas estratégicas	62
<i>Destruir o capitalismo</i>	63
<i>Desmantelar o capitalismo</i>	67
<i>Moderar o capitalismo</i>	69
<i>Resistir ao capitalismo</i>	75
<i>Fugir ao capitalismo</i>	77

Configurações estratégicas	80
Erodir o capitalismo	86
4. Um destino além do capitalismo: O socialismo como democracia económica	93
Um conceito de socialismo baseado no poder	96
Os alicerces de uma economia socialista democrática	100
Rendimento básico incondicional	102
A economia de mercado cooperativa	105
A economia social e solidária	110
Democratizar empresas capitalistas	112
A atividade bancária como serviço público	114
Organização económica não mercantil	116
<i>Provisão estatal de bens e serviços</i>	116
<i>Produção colaborativa peer-to-peer</i>	120
<i>A comunidade de conhecimento</i>	122
De volta ao problema da estratégia	125
5. O anticapitalismo e o Estado	127
O problema do Estado capitalista	128
<i>As contradições internas do Estado</i>	131
<i>Funcionalidades contraditórias e contestadas</i>	133
Perspetivas	138
Democratizar o Estado	146
<i>Descentralização democrática</i>	148
<i>Novas formas de participação dos cidadãos</i>	149
<i>Novas instituições para a representação democrática</i>	150
<i>Democratizar as regras eleitorais do jogo</i>	151
6. Agentes de transformação	155
Atores coletivos para a erosão do capitalismo	156
O problema da agência coletiva	158
<i>O conceito de «agência»</i>	159
<i>Identities</i>	162
<i>Interesses</i>	167
<i>Valores</i>	169

De identidades, interesses e valores a atores coletivos	170
<i>Superar vidas privatizadas</i>	171
<i>Estruturas de classe fragmentadas</i>	173
<i>Fontes de identidade concorrentes</i>	175
A política real	178
<i>Posfácio</i> de Michael Burawoy	187

Prefácio

Este livro foi concebido inicialmente como um resumo simplificado dos principais argumentos de *Envisioning Real Utopias*, publicado em 2010. Nos anos seguintes à publicação desse título, dei várias palestras a grupos comunitários, ativistas e sindicatos em todo o mundo sobre os seus temas. Em geral, o público mostrou-se entusiasmado com as ideias, mas muitas pessoas acharam o tamanho e aparato acadêmicos do livro desmotivadores. Então, achei que seria uma boa ideia escrever uma versão curta e de leitura mais fácil.

No entanto, quando comecei a trabalhar nisso, as minhas ideias já tinham evoluído tanto que não fazia sentido escrever um livro que recapitulasse apenas o que tinha escrito em *Envisioning Real Utopias*. Em vez de tentar estabelecer a credibilidade de uma alternativa democrático-igualitária ao capitalismo, voltara a minha atenção para o problema de estratégia, de como lá chegar. O que inicialmente planeava como um breve resumo do meu livro de 2010 tornara-se uma espécie de sequela.

Ainda queria escrever algo que fosse cativante para qualquer leitor interessado em refletir sobre esses assuntos. Mas também achei difícil escrever sobre novas teses e temas sem

as habituais práticas acadêmicas de entrar em debate com visões alternativas, documentar as fontes de várias ideias que contribuíram para a minha análise, recorrer a notas de rodapé para responder a várias objeções que eu sabia que alguns leitores poderiam ter, e outras mais. O meu problema, basicamente, era que estava a escrever para dois públicos distintos: pessoas que estariam interessadas na matéria, mas não nas tradicionais elaborações acadêmicas, e leitores que achariam que o livro não seria intelectualmente rigoroso sem essas elaborações.

A solução que arranjei foi conceber um livro com duas partes. Os capítulos das duas partes teriam os mesmos títulos. Na Parte 1, não haveria praticamente referência alguma, nenhuma nota de rodapé, uma introdução mínima à história de algumas ideias e apenas breves comentários sobre debates ou objeções nos casos em que isso fosse essencial para esclarecer o argumento. Na Parte 2, cada capítulo começaria com um resumo básico de uma ou duas páginas do argumento do capítulo correspondente na Parte 1, seguido de uma análise das questões académicas omitidas na Parte 1. O meu objetivo era que a Parte 1 ainda refletisse plenamente a complexidade das ideias teóricas na análise, mas evitasse as digressões e complicações académicas. Não seria uma simplificação excessiva da complexidade necessária. Os editores da Verso mostraram-se entusiasmados com a ideia e concordaram que, quando o livro saísse, a Parte 1 seria publicada como um volume pequeno e barato e as Partes 1 e 2 seriam publicadas juntas como um livro separado.

A minha estratégia para a escrita efetiva do livro era fazer primeiro um bom rascunho de todos os capítulos

da Parte 1, tomando notas dos temas que precisavam de desenvolvimento no capítulo correspondente na Parte 2. Eu sabia que iria inevitavelmente fazer revisões dos capítulos da Parte 1 depois de entrar nos pormenores da Parte 2, mas, ainda assim, pareceu-me melhor elaborar primeiro a análise inteira.

Em março de 2018, já tinha o que me pareciam versões sólidas dos primeiros cinco capítulos. O capítulo que constitui a peça central do livro, o Capítulo 3, «Variedades de anticapitalismo», tinha passado por muitas reformulações e sido apresentado em versões diferentes em dezenas de dissertações públicas. Os Capítulos 1, 2 e 4 têm uma relação muito próxima com o que eu tinha escrito em *Envisioning Real Utopias*, e achei que também estavam bem resolvidos. O Capítulo 4, em particular, é em grande parte um resumo das ideias nos Capítulos 5 a 7 do livro anterior. O Capítulo 5, sobre o problema do Estado, explora alguns temas que eu não tinha analisado sistematicamente no livro anterior, mas sobre os quais tinha escrito noutros meios. Achei, por isso, que esse capítulo também estava em boa forma. Faltava-me escrever o Capítulo 6. Tratava de uma questão que ainda não tinha abordado de forma sistemática — o problema da formação de atores coletivos capazes de agir politicamente e de forma eficaz para transformar o capitalismo. No entanto, achei que, mesmo que não tivesse nada de muito original para dizer sobre esse importante assunto, podia, pelo menos, esclarecer as questões em jogo.

No início de abril, fui diagnosticado com uma leucemia mieloide aguda. A leucemia mieloide aguda não pode ser combatida com tratamentos episódicos durante muito tempo. A única estratégia é submeter-me a um transplante de

células estaminais da medula óssea. Se isso correr bem, ficarei curado; se não, morrerei. Embora as perspectivas de sobrevivência não sejam remotas, também não são certas.

Quando recebi o diagnóstico, contactei a Verso e expliquei a situação. Como tinha ainda de esperar alguns meses pelo transplante de células estaminais — são necessárias várias sessões de quimioterapia antes do transplante —, esperava que isso me desse tempo para escrever um rascunho do Capítulo 6. Propus que, quando concluísse o manuscrito da Parte 1, fosse publicado como um pequeno livro sem esperar pela Parte 2. Se tudo correr bem e o transplante for bem-sucedido, então numa ocasião futura poderei escrever a Parte 2, caso isso ainda se afigure relevante.

Estamos agora em fins de julho. Tem sido um desafio difícil trabalhar no capítulo, apesar de desejar muito terminar o livro. Há períodos em que consigo concentrar-me e escrever com energia durante algumas horas, mas também muitos dias em que isso é impossível. O capítulo não foi sujeito à discussão pública e privada que sempre fez parte do meu trabalho, mas penso que cumpre o objetivo pretendido.

Uma nota sobre o título deste livro, *Como Ser Anticapitalista no Século XXI*. No livro, defendo o socialismo de mercado democrático, entendido como uma forma radical de democracia económica. O livro, portanto, podia ter tido como título *Como Ser Socialista Democrático no Século XXI*. Decidi usar o termo «anticapitalista», mais abrangente, porque grande parte da tese do livro interessa a pessoas que se opõem ao capitalismo, mas que têm dúvidas em relação ao socialismo. Espero que os meus argumentos convençam pelo menos algumas pessoas de que a democracia económica

socialista radical é a melhor forma de pensar num destino realizável além do capitalismo, mas não quis que o livro parecesse relevante apenas para pessoas que já concordam com essa visão.

Erik Olin Wright
Madison, Wisconsin
Agosto de 2018

Posfácio

de Michael Burawoy

Na madrugada de 23 de janeiro de 2019, um dos grandes cientistas sociais do nosso tempo deixou de respirar. Com setenta e um anos, faleceu no auge da sua influência. Chegaram tributos de todas as partes do mundo: de políticos e ativistas; de colaboradores e colegas; de alunos, antigos e atuais; de pessoas que o conheciam e outras que não. Tributos à sua humanidade, mas também à sua sagacidade intelectual.

Erik Olin Wright estivera a lutar contra uma leucemia mieloide aguda durante dez meses, equilibrando o seu característico otimismo com um destemido realismo. Mesmo quando a sua vida se esvaía, não parou de lutar por um futuro melhor. Começou a escrever uma longa carta aos netos; preocupava-se com o bem-estar intelectual e material dos seus alunos; preocupava-se com o futuro do seu departamento na Universidade de Wisconsin, que tinha sido o seu lar académico durante quarenta e dois anos. Queria que o Havens Center, hoje Havens Wright Center, lhe sobrevivesse — centro esse que fundou e dirigiu durante trinta e cinco anos, recebendo pensadores progressistas de todo o mundo. E, evidentemente, não perdeu interesse em explorar os possíveis futuros do capitalismo. Ele tinha esperança numa nova geração de socialistas, incentivada pela jovem revista *Jacobin*, que

publicara entusiasticamente o seu ensaio sobre o anticapitalismo. Quase perto da morte, assistiu com esperança à ascendência de Alexandria Ocasio-Cortez e dos Socialistas Democráticos da América. Até ao último suspiro, permaneceu um otimista e um utopista real. Tudo isso se encontra expresso no seu comovente blogue lido por centenas de pessoas, seguindo os altos e baixos dos seus últimos dez meses.

Antes de se tornar um marxista radical, Erik tinha sido influenciado em Harvard pelo funcionalismo estrutural de Talcott Parsons e em Oxford pela sociologia política de Steven Lukes e pela história social de Christopher Hill, recebendo um bacharelato dessas duas instituições. Para fugir ao recrutamento para a Guerra do Vietname, matriculou-se no Unitarian Theological Seminary em Berkeley. Aí, geriu o seu próprio curso sobre utopia e revolução — um tema ao qual regressaria vinte anos mais tarde. Em 1971, ainda em Berkeley, participou no programa de doutoramento do Departamento de Sociologia da Universidade da Califórnia. Para a sua geração de alunos em Berkeley, o marxismo e a sociologia constituíam um casamento complicado, sendo ao mesmo tempo parceiros e antagonistas. Erik e os seus alunos iniciaram o seu próprio programa académico paralelo dedicado à ciência social marxista, associado a revistas locais como *Kapitalistate* e *Socialist Revolution*.

O marxismo pôs a sociologia de pernas para o ar. O estudo da estratificação e posição social tornou-se o estudo das relações de classe. A sociologia política passou de uma obsessão com a democracia liberal para teorias do Estado capitalista e da teoria totalitária para a natureza classista do socialismo de Estado; a sociologia económica transitou das realidades do industrialismo para a dinâmica do capitalismo;

a teoria da organização passou de generalidades banais para o estudo do processo de trabalho capitalista; a sociologia da educação passou da investigação sobre a aprendizagem para a reprodução de classes; a irracionalidade do comportamento coletivo foi substituída pela racionalidade dos movimentos sociais; os estudos do preconceito racial e teorias dos ciclos raciais foram substituídos por estudos da opressão racial e do colonialismo interno; a teoria da modernização deu lugar à análise de sistemas mundiais e a críticas do imperialismo; sob a influência do feminismo socialista, a sociologia da família transferiu a sua atenção da socialização para o trabalho reprodutivo, dos papéis de género para um patriarcado ubíquo. Em suma, a teoria marxista substituiu o abstruso funcionalismo estrutural; na sociologia, a crítica da sociedade americana substituiu a celebração ufana da sociedade americana. Em 1970, Alvin Gouldner previra corretamente «a crise iminente da sociologia ocidental». O que não previu foi o renascimento marxista da sociologia.

Erik desempenharia um papel importante na devolução do entusiasmo à sociologia. Em conjunto com o seu amigo italiano Luca Perrone, o qual morreria num trágico acidente de mergulho, Erik desenvolveu o seu famoso modelo de localizações de classe contraditórias, que permitiu aos marxistas superar o binário capital-trabalho fundamental para incluir a pequena burguesia e pequenos proprietários de empresas, gestores, supervisores e profissionais liberais. Ele apresentou essa subtil decomposição da estrutura de classes simultaneamente na principal revista marxista de língua inglesa, *New Left Review*, e na eminente revista profissional de sociologia, *American Sociological Review*. De seguida, elaborou uma reformulação marxista completa da sociologia em *Class*,

Crisis and the State (New Left Books, 1978). Este foi um livro que tomou de assalto a geração desobediente — uma combinação única de teoria inovadora, empirismo duro e argumentação lógica; um gênero marxista nunca visto.

A sociologia e o marxismo não eram apenas antagonistas; eram também concorrentes. Erik propôs-se a demonstrar que o seu modelo de classes explicava melhor a desigualdade, sobretudo a desigualdade de rendimentos, do que os modelos de estratificação dos sociólogos, os modelos de capital humano dos economistas e até melhor do que os modelos marxistas de Nicos Poulantzas, muito em voga na altura. O sucesso de Erik adquiriu um impulso próprio. Pouco depois, conseguiu fundos para realizar inquéritos nacionais e com isso criou mapas de estruturas de classe e medidas de consciência de classe, inspirando projetos paralelos em mais de quinze países em todo o mundo. Ele usara as ferramentas das ciências sociais para substituir paradigmas convencionais por novas formas de pensar o capitalismo.

Ao mesmo tempo que começou a medir as classes e os seus efeitos, juntou-se a um grupo de distintos filósofos e cientistas sociais que se denominaram marxistas analíticos. O seu objetivo era livrar o marxismo do chamado *bullshit* — o que eles entendiam como disparates filosóficos, saltos lógicos ou esperanças vãs — para produzir uma ciência rigorosa, geralmente baseada no individualismo metodológico ou na teoria da escolha racional. Mesmo quando a maioria dos membros se afastou do marxismo, o *modus operandi* do grupo permaneceu indelevelmente marcado em tudo o que Erik escreveu até ao fim da sua vida. No início da década de 80, Erik foi profundamente influenciado por um importante marxista analítico, John Roemer, e pela sua inovadora

teoria da exploração. Isso levou Erik a transformar a sua teoria das localizações de classe contraditórias numa conceptualização de classe baseada na distribuição de diferentes recursos: força de trabalho, meios de produção, capacidade de organização e competências. Se o feudalismo se baseava na distribuição desigual da força de trabalho, o capitalismo baseava-se na distribuição desigual dos meios de produção; o estatismo, na distribuição desigual de capacidades de organização; e o comunismo, na distribuição desigual de competências. Isso tornou-se a base do seu importante livro *Classes* (Verso, 1985).

Ao mesmo tempo, Erik aceitou trabalhar com sociólogos na União Soviética, que não queria ficar de fora das crescentes comparações internacionais de estruturas de classe. Assim, em 1986, fui com Erik a Moscovo e pude testemunhar a reação dos académicos soviéticos ao que lhes deve ter parecido uma criatura muito desconcertante — um marxista ocidental com uma dedicação incansável à ciência. Reunimo-nos com a equipa soviética para desenvolver um instrumento de pesquisa paralelo que pudesse ser usado nos dois países. Que reuniões estranhas e frustrantes! Tropeçando constantemente em discussões metodológicas, esforçamo-nos por desenvolver questões que teriam o mesmo significado tanto nos Estados Unidos como na URSS. No final da visita, Erik foi convidado a falar para cientistas sociais na Academia de Ciências. Lembro-me das vagas reprimidas de pânico e euforia — afinal, estávamos nos anos da *Perestroika* e da *Glasnost* — que atravessaram a sala apinhada de gente quando Erik começou a desvendar a sua nova teoria de classes. Eles conseguiram perceber claramente que, com a sua elocução calma e humilde e grande clareza de linguagem,

Erik estava a alegar inequivocamente que a exploração organizacional estava na base da ordem soviética. A palestra foi bruscamente interrompida.

No decorrer dos anos 80, Erik sentia-se cada vez mais bloqueado pelo próprio sucesso e pelos métodos que usava. Ele desenvolvera o que os seus alunos designaram, ironicamente, marxismo de regressão múltipla, usando as mais recentes técnicas estatísticas para calcular a influência da posição de classe objetiva sobre várias orientações subjetivas — tudo baseado em inquéritos. O último volume desse programa de investigação foi *Class Counts — Comparative Studies in Class Analysis* (Cambridge University Press, 1997). No exemplar que me ofereceu, Erik escreveu: «Ai de mim, vê a que chegou a dialética revolucionária.»

Erik nunca se libertaria totalmente do programa de investigação sobre a análise de classes que tinha lançado, mas em 1991 iniciou a sua nova viagem para as utopias reais. Também isso foi decisivamente influenciado pelo pensamento crítico e fundamental do marxismo analítico. A bolha marxista já rebentara, o colapso da União Soviética ditava supostamente o fim do marxismo — embora Erik o visse como a libertação do marxismo do jugo de uma ideologia soviética degenerada. O capitalismo seguia de vento em popa no mundo ocidental e Margaret Thatcher estava a convencer muita gente de que não havia alternativa. Erik encarou isso como um desafio para forjar um novo marxismo que negasse a sua histórica oposição ao pensamento utópico.

A ideia era procurar modelos institucionais baseados na realidade, instalados nos interstícios do capitalismo, cujos princípios organizacionais eram incompatíveis com o capitalismo. Em colaboração com a revista *Politics and Society*,

à qual estivera associado desde 1979, Erik procurou autores que tivessem um projeto imaginativo para um mundo alternativo. Trabalhou com eles para conceber a sua própria utopia real e depois organizou conferências em torno da ideia. A Verso publicou as conferências como uma coletânea coordenada por Erik. Até hoje, foram publicados seis volumes, abordando em conjunto os temas seguintes: democracia associativa, socialismo de mercado, reformular o igualitarismo, aprofundar a democracia, subsídios de rendimento básico e igualdade de género. Quando morreu, estivera a desenvolver um volume sobre a economia cooperativa, depois de fazer conferências na Argentina, África do Sul, Espanha e Itália. As utopias reais tornaram-se um projeto global.

Em 2010, a Verso publicou a obra capital de Erik, *Envisioning Real Utopias*. Estivera vinte anos em construção, e ele descreveu-a como um programa de investigação sobre ciências sociais emancipatórias. Parte de um diagnóstico dos males do capitalismo para apelar a um mundo melhor, a um socialismo ao mesmo tempo viável e exequível. Deixando de se basear numa decomposição ilusória do capitalismo ou numa forma tirânica de planeamento estatal, o objetivo era devolver o «social ao socialismo» — fortalecer a sociedade civil, primeiro contra o Estado através de modelos institucionais como o orçamento participativo ou as assembleias de cidadãos e, depois, contra a economia através de programas como o rendimento básico universal ou as cooperativas. Cada utopia real é examinada através das suas condições de existência, possibilidades de disseminação e contradições internas.

Para a realização das utopias reais, propunha três caminhos. Primeiro, havia a transformação de rutura, que ele despromoveu a favor das transformações simbióticas e intersticiais.

A transformação simbiótica refere-se à via reformista em que cedências de curto prazo para resolver crises capitalistas lançam as sementes do socialismo. Um exemplo seria o compromisso de classes, que integra a classe operária, mas planta a ideia da apropriação coletiva de capital, como o plano Meidner-Hedborg sueco. O bem-estar para todos levanta a possibilidade de um rendimento básico universal que criaria espaço para formas alternativas de produção e para desafiar o poder capitalista no local de trabalho.

A transformação intersticial, por outro lado, refere-se ao desenvolvimento de instituições alternativas no contexto da sociedade capitalista, como as cooperativas ou a colaboração *peer-to-peer* no mundo digital. As bibliotecas e a Wikipedia encontram-se entre as utopias reais preferidas de Erik.

Erik inicialmente destinara *Envisioning Real Utopias* a um público vasto, porém, devido ao debate com os seus críticos, o livro tornou-se mais volumoso e mais complexo, dirigindo-se a um público mais especializado. No entanto, com as suas viagens pelo mundo para falar sobre o livro, este atraiu cada vez mais o interesse de ativistas políticos. Isso era algo novo e estimulante. Então, decidiu escrever uma nova versão, a qual seria publicada em dois volumes: o primeiro, um manual popular; o segundo, um debate mais académico. Começou o primeiro volume em 2016 e, quando foi diagnosticado com leucemia, só lhe faltava concluir o último capítulo.

Como Ser Anticapitalista no Século XXI recapitula, numa linguagem sucinta e incisiva, muitos dos argumentos de *Envisioning Real Utopias*, mas também representa uma mudança de pensamento. Erik começa decisivamente com quatro teses: em primeiro lugar, um outro mundo é possível; em segundo lugar, esse mundo poderia melhorar as condições

para a prosperidade da maioria das pessoas; em terceiro lugar, elementos desse mundo já estão a ser criados; e, por fim, existem formas de lá chegar. Como em *Envisioning Real Utopias*, apresenta um diagnóstico dos males do capitalismo. Mas, em vez de uma lista arbitrária de defeitos, organiza a crítica do capitalismo em torno da violação de três pares de valores: igualdade/equidade, democracia/liberdade e comunidade/solidariedade. Juntos, esses valores constituem as bases normativas do socialismo democrático.

A partir daí, Erik volta-se para as lógicas estratégicas do anticapitalismo. Mais uma vez, enquadra isso de forma diferente da do livro anterior. Rejeita a «destruição do Estado» — nunca podemos construir o novo a partir das cinzas do velho —, mas defende o «desmantelamento» do capitalismo (instalar elementos do socialismo a partir do topo) e a «moderação» do capitalismo (neutralizar os seus malefícios). Estas estratégias dirigidas pelo Estado são complementadas por estratégias de base comunitária: a «resistência» ao capitalismo e a «fuga» ao capitalismo. É a articulação dessas quatro estratégias que leva à «erosão» do capitalismo — a sua reformulação da transição para o socialismo democrático.

Nós vivemos num ecossistema capitalista constituído por várias organizações e instituições capitalistas e não-capitalistas. As relações capitalistas dominam, mas não monopolizam, o ecossistema. A transição para um socialismo democrático implica o reforço dos elementos não-capitalistas e a sua transformação em elementos anticapitalistas, como, por exemplo: o rendimento básico incondicional, que cria espaço para outros modos de produção — a economia solidária e a economia cooperativa —; reduzir o poder do capital através da democratização das empresas e a criação de bancos públicos;

organizações económicas não mercantis como a provisão estatal de bens e serviços e a produção colaborativa *peer-to-peer*.

Essa estratégia de erosão, essa rearticulação dos diferentes componentes do ecossistema capitalista, implica necessariamente o Estado, sendo este o cimento de toda a formação social. Também neste caso, Erik diverge da ortodoxia marxista, que trata o Estado como um objeto coerente dominado pela classe capitalista ou um sujeito coerente que, de alguma forma, serve sempre os interesses do capitalismo. Como alternativa, apresenta o Estado capitalista como uma entidade heterogênea, internamente contraditória e refletindo a diversidade do ecossistema capitalista. Existem fissuras e tensões no seio das agências e entre as agências que podem funcionar como uma alavanca para aprofundar a democracia.

Após ser diagnosticado com cancro, Erik ainda teve de concluir o último capítulo deste livro, o capítulo mais difícil, respondendo à pergunta que toda a gente lhe fazia. Quem irá forjar o caminho para o socialismo democrático? Tal como Marx, que morreu ainda preso à questão das classes, nos seus últimos meses Erik debater-se-ia mais uma vez com a questão da agência humana. Apesar de tornar bem claro que o socialismo democrático não surgirá sem uma luta coletiva, não aponta um determinado agente ou conjunto de agentes. Em vez disso, analisa as condições para essa luta — a importância de *identidades* capazes de construir solidariedades, *interesses* que conduzem a objetivos realistas e *valores* capazes de criar união política entre diferentes identidades e interesses. Ele não consegue identificar um determinado agente de transformação.

É aí que reside a resposta ao enigma da obra de Erik Wright: nomeadamente, na sua transição da análise de classes sem

utopias para as utopias sem análise de classes. *Como Ser Anticapitalista no Século XXI* oferece uma resposta a esse enigma. Uma coisa é ser anticapitalista, argumenta ele, mas outra completamente diferente é ser um socialista democrático. A luta de classes pode ajudar o primeiro, mas não é suficiente para o segundo. Enquanto Marx imaginava uma inevitável bipolarização de classes que conduziria à mágica coincidência do fim do capitalismo com a construção do socialismo, Erik, a partir da sua própria análise de classes, chega à conclusão de que, sozinha, a classe é uma força social demasiado fragmentada e limitada para construir algo novo. Para que «a erosão do capitalismo» não conduza à barbárie, mas antes ao socialismo democrático, a transformação irá precisar de visão moral para impulsionar lutas por um mundo melhor. Ele defende a tróica: igualdade, democracia e solidariedade.

Mas quem será cativado por esses valores? Uma das características mais notáveis de Erik era a capacidade de persuadir através da argumentação lógica. Famoso pela rapidez e clareza da sua mente, Erik conseguiu o feito raro — para um académico — de conquistar muitos seguidores entre os ativistas, que viram nas suas utopias reais a afirmação dos seus difíceis projetos. Dotado de uma capacidade ilimitada para tornar as suas ideias precisas e simples, sem as diluir, Erik deu aos ativistas a visão de um projeto coletivo para o qual todos podiam contribuir. Com o renovado interesse pelo «socialismo» entre uma nova geração de pensadores críticos e ativistas, Erik tinha cada vez mais seguidores. Embora já não esteja entre nós para defender o socialismo em pessoa, há ainda muitos dos seus vídeos no YouTube, e agora temos um poderoso manifesto em *Como Ser Anticapitalista no Século XXI*. Ao contrário do *Manifesto Comunista*, o livro de Erik não profetiza nem

prefigura quem construirá um mundo melhor — mais igualitário, mais democrático, mais solidário —, mas, em vez disso, ele próprio definirá e inspirará os ativistas a construírem esse novo socialismo. As fantasias concretas que ele refere criarão os seus próprios agentes de realização.

O último livro de Erik faz-me lembrar a sociologia clássica. Émile Durkheim concluiu *Da Divisão do Trabalho Social* (1893), o texto que definiu a sociologia, com as seguintes palavras:

Em suma, o nosso primeiro dever no momento presente é forjar uma moral para nós próprios. Essa tarefa não pode ser improvisada no silêncio do escritório. Só pode surgir de moto próprio, gradualmente e sob pressão de causas internas que a tornam necessária. O que a reflexão pode e deve fazer é prescrever o objetivo que tem de ser alcançado. É isso que nos temos esforçado por fazer.

Durkheim defendia variantes dos mesmos valores de Wright — liberdade, justiça e solidariedade —, objetivos que deviam ser alcançados através de uma forma de socialismo corporativo. Mas Durkheim não fornece nenhuma ideia sobre como o seu socialismo seria realizado, porque nunca concebeu, e muito menos estudou, o obstáculo que é o capitalismo. Ao usar como temas o capitalismo e as estratégias para a sua transformação, definindo instituições concretas que podiam fazer-nos avançar, Erik Wright deu-nos um marxismo que foi a última conclusão e derradeira crítica da sociologia, um projeto prático e teórico que convidaria toda a gente a construir um mundo melhor.

Maio de 2019